ANO 2.º LISBOA--SEGUNDA-FEIRA, 22 DE MAIO DE 1922 N.º 345

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3196-C.—End. Teleg. DIOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

O PRIMEIRO portugues que desembarcou no Japão foi Fernão Mendes Pinto, o mais notavel dos nossos viajantes do seculo XVI.

O primeiro dramaturgo português que teve a honra de ver uma peça sua representada nas terras do Sol Nascente, é um descendente do autor das *Peregrinações*, que outro não é senão o actual director da Biblioteca Nacional — Jaime Cortesão.

O terceiro acto do seu drama historico — *Egas Monis* mereceu ser interpretado pelos alunos do 3.º ano da *Gaikoku go Gakko* ou seja a Escola Oficial de Linguas Estrangeiras de Tokio.

Ensina lá a nossa lingua o sr. João do Amaral Abranches Pinto que frequentou em Lisboa o curso de agronomia que não chegou a concluir. Vive no Japão há quasi seis anos.

No seu amor a Portugal, não se esquece nunca de trabalhar para que a nossa literatura se vá tornando conhecida, num país aonde nós levámos a alma da Europa. Como todos os anos a escola onde é professor promove recitas de autores europeus e na propria lingua destes, ele para mostrar os progressos dos seus discipulos escolheu a obra de Jaime Cortesão.

Em três dias sucessivos, a sua audição foi mui apreciada—1.º pelos alunos e suas familias; —2.º pelo que, entre nós, se chama o publico;—3.º pelas pessoas da mais alta categoria social, corpo diplomatico e consular, antigos alunos da escola e parentes dos professores. O teatro encheu-se sempre, chegando a haver acirrada disputa de lugares. Representaram-se peças em doze linguas— meia hora para cada uma.

Alguns patricios nossos que assistiram classificaram a representação do *Egas Moniz* como sendo a mais latina.

Os jovens e improvisados actores pareciam nascidos em Portugal. O scenario, um pouco deficiente, por causa dum erro na medição do palco. O guarda-roupa sofrivel. Distribuiram-se argumentos no teatro explicando o entrecho do *Egas Montz*.

* * *

O CONGRESSO Economico de Braga ocupou-se do estado infeliz das nossas estradas. Houve um congressista que sustentou que não temos postos radio-telegraficos que nos prendam á Europa, ligações telefonicas e ferroviarias bastantes para comunicarmos com a Espanha.

E' pena que assim seja.

A' medida que nos vamos sentindo sós, Portugal sonha que é o primeiro pais do mundo, visto que, sem meios de comunicação, o globo terrestre cabe na imaginação de qualquer poeta.

* * *

O DR. José da Silva Picão, um dos nossos primeiros etnografos, colaborador da *Portugalia*, que ha dias morreu em Elvas, foi, com o seu livro *Através dos campos* um dos fundadores da nossa literatura regional.

* * *

ADERIU ao partido liberal o sr. Damião dos Santos que, durante o governo Cunha Leal, foi o adjunto da P. S. E.

* * *

O sr. ministro da Justiça espera, ámanhã, concluir o seu relatorio da proposta de lei sobre o inquilinato, que em seguida apresentará no parlamento.

Desnacionalização

Referimo-nos, no nosso numero de sabado, á crise de sentimento e de razão que perturba tanto alguns portugueses, a ponto de não julgarem o nosso país digno de o amarmos e o servirmos, sem qualquer reserva despresativa.

E' tempo e mais que tempo de se reagir contra este caso particular de bovarismo, mostrando, sobretudo, aos educadores que se acautelem na formação espiritual da juventude, de modo que a imagem de Portugal não surja nas suas esperanças e recordações, com manchas que a desfigurem.

Não queremos insistir agora na obrigação que compete a todos os nossos concidadãos de se manterem unidos na defesa do patrimonio que nos legaram os nossos pais e cuja aquisição custou sangue, preces, sacrificios e esforços honrados, obscuros de tanta gente humilde. O que convem frisar é isto—todo o individuo que se esquece da sua Patria, como um estimulo de afecto e acção, para só admirar os povos que reputa mais fortes e cultos, corre sempre o risco de nunca ser um homem na acepção nobre deste termo.

Entre nós ha quem julgue destacar-se da turba ignara dos seus iguais, contrapondo a França, a Inglaterra ou a Alemanha á nossa pequenez, apregoada como uma vergonha.

E' moda cultivar o tedio para nos denegrirmos.

Os nossos escritores e artistas esquecem, com muita frequencia, que a sua inspiração deve ter o sabor da nossa terra.

La Rochefoucauld, que era um psicologo a seu modo, mas com uma rara penetração, diz, numa das suas maximas, que as ideias e as sensações brotam do solo como os frutos e que, desde o momento que assim não seja, morrem de inanição, por falta de raízes.

A leitura dos nossos classicos seria, nas escolas, um meio seguro de fixar nos cerebros e nas almas da juventude a crença e o respeito pelas virtudes lusiadas. Torna-se necessario, porém, animar os textos, sacudi-los do pó das idades, restitui-los á pureza do verbo que neles dorme.

E' assim que se faz?

Temos de confessar que não, pois bastantes vezes assistimos a lições em que os mestres se esquecem de restabelecer os ensinamentos dos antigos na sua verdade e na sua belesa, preocupando-se quasi exclusivamente com a parte gramatical ou historica.

Pintores conhecemos nós que, apesar de se intitularem paisagistas, desconhecem as nossas paisagens, não sendo capazes de resolver os problemas que a luz suscita desde que se casa com a nossa vegetação ou as nossas arvores.

Não é de estranhar, portanto, que eles tragam Paris nas suas memorias e um horror ingente á terra onde nasceram?

No dia em que Portugal deixe de ser a vaga memoria dum passado brilhante, mas longinquo, ele renascerá imediatamente para a obra do nosso braço e do nosso pensamento, com uma força tal que os que hoje o maldizem ou renegam acabarão por se resignar ao silencio.

PREÇO FIXO...

Na alfaiataria:

— Como serão os fatos este ano?
— Iguais ao ano passado; a pronto pagamento!

PARECE que a China desapareceu, não havendo meio de a reconstruir. As suas dezoito provincias desagregaram-se, adoptando umas o governo monarquico. outras o republicano.

Guerreiam-se entre si com fragor e raiva.

As lutas civis assolam-nas a todas. Se não aparecer um poder mais alto que faça terminar tamanha desordem, o chamado perigo amarelo perdeu a sua importancia para nós.

Nunca mais ouviremos aqueles cavalheiros esverdinhados e apreensivos que, não tendo outro meio de assustar as pessoas timidas, diziam:

—«Lembremo-nos que, dum momento para o outro, os amarelos podem invadir a Europa...»

Geralmente as senhoras de idade que sobre a China só tinham as ideias que haviam aprendido, olhando as jarras, os biombos, as lacas e as colchas de grandes dragões, persinavam-se, pensando comsigo:—«Jesus! em que estado vão eles chegar, se romperem as cabaias no caminho!»

* * *

DUMA carta que o sr. Manuel José da Silva publicou, no *Diario de Noticias*, fica-se sabendo que não tem sombra de fundamento a noticia de que os populares tenham iniciado quaisquer *démarches* para se juntarem aos liberais.

Por emquanto, só pensam na melhor maneira de honrar a memoria daquele que foi seu chefe, o saudoso dr. Julio Martins. Não tomaram ainda qualquer decisão ácerca do que contam fazer num futuro mais ou menos proximo.

Entrarão em massa para um dos partidos do regime? Dividir-se-hão em fracções, para depois se acomodarem conforme as suas simpatias politicas? Continuarão unidos? Retomarão individualmente a sua liberdade?

E' cedo demais para dar uma resposta cabal a estas preguntas.

* * *

PARA proceder á identificação dos bens mobiliarios que constituiam propriedade particular do falecido infante D. Afonso, existentes nos palacios do Estado, foi nomeada uma comissão composta dos srs. dr. Costa Santos, dr. João Teixeira Direito, dr. José de Figueiredo, Luciano Freire e dr. Custodio José Vieira.

* * *

DEVE ser distribuido pelo país, talvez ainda na corrente semana, um manifesto, editado pelo partido socialista, contendo o programa minimo governativo, que servirá de base para uma intensa propaganda que deve ser iniciada tanto em Lisboa, como nas provincias.

* * *

AS propostas de finanças devem entrar em discussão, no parlamento, só depois de aprovados os orçamentos de todos os ministerios.

* * *

O SR. ministro da França conferenciou hoje com o sr. presidente do ministerio.

* * *

LARGOU hoje do Funchal para Lisboa este vaso da nossa marinha de guerra.

UMA EXCURSÃO

Os alunos do Colegio Militar vão a Aveiro

Está planeada, para o fim do corrente mês, uma excursão de alunos do Colegio Militar a Aveiro, com alguns dos seus professores.

Os excursionistas, em numero de 40, irão em carruagem atrelada ao rapido que chega áquela cidade ás 13 horas.

Na estação de Aveiro serão esperados pelo corpo docente e discente do liceu-central Vasco da Gama e por outros elementos sociais, em que decerto hão de avolumar os militares.

Da estação seguem para o quartel de cavalaria 8, onde se instalam e ficam durante os quatro dias da visita.

Ali receberão cumprimentos e visitas.

Depois do almoço, e demora indispensavel, irão ao liceu, havendo uma sessão solene, e sendo-lhes oferecido pelo corpo docente um chá, com doces e vinhos finos, servido por uma comissão de alunas e alunos do estabelecimento.

Haverá tambem um numero de exercicios de educação fisica, na esplanada do liceu.

Os excursionistas darão um passeio, na ria, nas lanchas da Capitania do Porto e noutros barcos, indo até á Béstida (Torreira).

A cavalo, utilisando os cavalos do esquadrão de cavalaria 9, irão á Vista Alegre, e ao Farol, ou Barra de Aveiro, pela estrada da Gafanha, entre as salinas.

No quartel de cavalaria 8 haverá um baile, oferecido pelos oficiais, e outras demonstrações festivas.

Os estudantes do liceu oferecem um objecto de arte, em lembrança da visita.

Os excursionistas assistirão ás aulas da 6.ª e 7.ª classes.

ARAUJO & BASTOS, L.DA

132, RUA DA PALMA, 132

Participam que os seus estabelecimentos estão reabertos, continuando nas suas salas do rez-do-chão a exposição de arte da Ex.ma Senhora D. Alice Rey Colaço. Teem tambem a honra de convidar os seus estimados clientes e amigos a visitarem a sua secção de ANTIGUIDADES E OBJECTOS DE ARTE que agora inauguram, visita que muito agradecem.

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

OS QUE TOMAM IODONAL NÃO COMEM, DEVORAM!

TÓNICO PODEROSO PARA CRIANÇAS

Superior ao óleo de bacalhau e emulsões

INDICADO DIARIAMENTE PELOS MÉDICOS ESPECIALISTAS SENHORES DOUTORES: MELO E FARO, LEITE LAGE, SALAZAR DE SOUSA, LEONEL DE MACEDO, ETC.

FARMÁCIA FORMOSINHO

Praça dos Restauradores, 18

"DIARIO DE LISBOA"

Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril.

O MEU JORNAL

Pagina de dentro

POR

Norberto de Araujo

As varinas de D. Alice Rey Colaço

Já disse da exposição. Quero dizer do espirito da exposição.

A senhora que tem a sua galeria de desenho num estabelecimento da rua da Palma — rua nova rica de joelheiros que venderam grilhões d'oiro —, D. Alice Rey Colaço deu-se a estilizar a mulher do povo, a que vende fruta, e vende peixe, e anda na descarga do carvão, e vai á fonte com a cantarinha, e tem ancas de escultura grega, braços de anfora etrusca, cabeça de desenho mistico das tabuas do tempo de Jorge Afonso.

As varinas de Alice Rey Colaço são todas as mulheres que não chegam nunca a ser senhoras. De mulheres, para o mundo da arte e da literatura nova, elas — as que vendem leite, e vendem laranjas, e vendem sardinha — só tem a forma, a forma descuidosa vestida do mais pobre algodão de côres alegres, e de onde as curvas do seio e as adivinhações da coxa não chegam a inspirar ás penas elegantes do meu tempo motivos decorativos para paginas de beleza.

Não são senhoras — as varinas, e todavia são elas as senhoras legitimas da graça do porte, da ondulação do talhe.

Foi uma senhora distinta, D. Alice Rey Colaço, quem deu pela presença da Senhora dentro da Varina.

Eis o espirito da exposição da Rua da Palma.

* * *

A estilização dos objectos e das formas, da mulher e da flôr, da bailarina russa e do crisantemo de cabeleira de oiro, não é possivel apenas pelos olhos. E' preciso dar aos olhos uma luz nova. Quasi uma luz creadora. Despir os objectos do seu grosseirismo atè lhe deixar apenas a essencia. Ir despindo, ir despindo sempre, tirar tudo, tirar mais, chegar ao nu. Quando parece que não há nada, conseguiu então tocar-se a alma das cousas. Crear pode ser descobrir.

Quem diria que a descarregadora do carvão podia animar um friso grego?

E que a varina, a varina pobre, a da Ribeira, a que vai ás portas, pede cem vezes o que vale e usa um palavreado fora do dicionario—tem um ar de castelã?

Quem descobriria na moça do campo, na vendedeira dos pomos incendiados, perturbadores como ideias vagas, impossiveis de montar na vida — um ar santissimo de madona e uma linha harmonica e delicada de vitral?

Quem diria?

Eu, que gosto da vida fora do estilo, e para quem um estilo é uma «saída de teatro» que ora encobre os defeitos, ora oculta a encarnação dura e rosea dos braços maravilhosos; eu que prefiro a vida brutal, ainda quente da verdade como um desabafo, á vida da estufa onde o calor é artificial como certas faces humidas de pomadas — eu encontrei nas estilizações de D. Alice Rey Colaço uma bela lição «des choses»,

Que não é preciso inventar beleza nem graça fora daquilo que Deus nos deu, dando á mulher, que é sempre dar a nós todos.

Que tudo já está feito, que tudo está já á superficie, e que não ha nada de inedito á face da terra, sob o ceu de azul ou sob o ceu de estrelas.

E' preciso descobrir. Esta descoberta, sim, pode chamar-se criação.

As varinas de Alice Rey Colaço! E haver quem imagine que só havia e ha varinas como aquelas em certos bustos esplendidos de algumas mulheres de novelas, filhas das imaginações doentes que procuram formas onde tudo é liso, como a face dos muros.

As varinas de Alice Rey Colaço!

Pés pequeninos, seios pequeninos, olhos rasgados pequeninos, cintura pequenina, coisa toda pequenina e gracial onde é costume só presentir instinctos grosseiros, e tudo isto na mulher do povo, que descuida sapatos e já tem um rancho de filhos e ainda parece virgem—é bem criar uma beleza, onde ela parece que não andava.

Fez bem, D. Alice Rey Colaço. Faça sempre assim. A beleza mesmo só está aonde não está. Só damos com ela aonde os outros não a suspeitam. Devem ser muito bonitos os seus olhos, para vestir assim as coisas humildes. Mas a sua alma fragil deve ter qualquer poder oculto de renovação que nos obriga a esperar muito mais ainda.

E já nos deu bastante. Descobrir a Grecia na Ribeira Nova.

Norberto de Araujo

A seguir: *Do Amor*, em verso, como ele nem sempre é.

CAMBIOS E BOLSA

SAQUES SOBRE O ESTRANGEIRO

Compra e venda ás melhores taxas

EXECUÇÃO DE ORDENS DE BOLSA, TITULOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS.

Pancada, Morais & C.ª

Rua Augusta, 37 (esquina da R. de S. Julião)

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

D. Maria Ana de Cabedo e Vasconcelos Pereira da Cunha, D. Maria Berta Ortigão Ramos de Castelo Branco, D. Maria Ana Perestrelo Soares Branco, D. Camila Varennes Monteiro.

E os srs.:

Bartolomeu Perestrelo de Vasconcelos, Eduardo Nunes Perestrelo de Vasconcelos, Alfredo Hunter Reynolds e Jorge de Castilho.

Diplomatas

Regressou da Batalha, onde foi depositar uma corôa no ataude dos soldados desconhecidos, o ilustre ministro da China em Portugal.

Casamentos

Realizou-se há dias na paroquial igreja de Santa Maria de Belem, o casamento da senhora D. Beatriz Amelia Beselga da Conceição, gentil filha da senhora D. Adelina Augusta Beselga da Conceição e do sr. Manuel Luiz da Conceição Junior, com o sr. Pedro João da Silva, filho da senhora D. Maria Ferreira da Silva, tendo servido de madrinhas a mãe da noiva e a senhora D. Olinda Cortegaça e de padrinhos os srs. João Raimundo Alves e Joaquim Bento da Costa Carrilho.

Finda a cerimonia religiosa foi servido na residencia dos pais da noiva um finissimo «lunch» fornecido pela acreditada «patisserie Garrett».

Os noivos seguiram para o norte, onde foram passar a lua de mel.

—Na paroquial egreja de Santa Izabel, realizou-se há dias o casamento do senhora D. Josefina Soares Menendez, com o sr. Narciso Machado Lopes Coelho, filho da senhora D. Josefa Sequeira Lopes Coelho e do sr. Antonio Lopes Coelho.

Serviram de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos os pais dos noivos.

Findo o acto religioso foi servido na residencia dos pais da noiva um fino «lunch» fornecido pela acreditada «Patisserie Garrett», seguindo depois os noivos para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

Recita elegante

E' depois de ámanhã, quarta feira, 24 do corrente, que no teatro de S. Luís, se realiza a recita dedicada pela empresa Armando de Vasconcelos, aos seus cronistas mundanos e nossos colegas de redacção, srs. Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques. Representar-se-ha pela ultima vez a finissima e linda opereta «A Boneca», grandioso exito dessa companhia e um acto de variedades em que tomam parte os principais elementos da companhia desse teatro.

Os poucos bilhetes que restam estão á venda no camaroteiro.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade elegante dará «rendez-vous» ámanhã de tarde na tradicional «matinée» do cinema Condes e á noite no Chiado Terrasse, inauguração dos espectaculos por sessões e estreia da nova companhia de revista.

Theatro São Luiz

Quarta-feira, 24 de Maio

RECITA ELEGANTE

Dedicada pela empresa aos seus cronistas mundanos CARLOS VASCONCELOS E SÁ e CARLOS DA MOTA MARQUES

Ultima representação esta epoca da opereta

A BONECA

Protogonista: AUZENDA DE OLIVEIRA e UM ACTO DE VARIEDADES

Termina ámanhã no camaroteiro do teatro, pelas 7 horas da tarde, a troca de cartões provisorios pelos bilhetes definitivos; os restantes bilhetes á venda

EDEN-Teatro

Companhia Espanhola Barreto Ballester

HOJE—Ás 21 horas (9 da noite prefixas)

Inauguração das recitas da moda

(EXTRAORDINARIA)

PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO

da popularissima opereta em 3 actos

LA CASTA SUZANA

Protogonista: S.ta Nadal

O Barão: L. Bellester-Humberto: Pedro Barreto

APARATOSA ENSCENAÇÃO

BRILHANTE CONJUNTO

Os espectaculos da Companhia Espanhola começam rigorosamente, ás horas marcadas

Ámanhã, em 4.ª recita de assinatura, ESTREIA da opereta em 3 actos e 4 quadros EL DUQUESITO, ó LA CORTE DE VERSAILLES, um dos grandiosos exitos do *Reina Victoria* de Madrid.

NACIONAL Telef. N. 3049

—BRILHANTE— ESPECTACULO

HOJE—Recita dos artistas Irene Grave e Jorge Grave

A primeira e unica representação da peça de costumes sicilianos, adaptação de Afonso Gaio

FIDALGUIA RUSTICA

(Cavalaria Rusticana)

em que os festejados têm os melhores papeis desempenhando Irene Grave a personagem Santuzza

CARTA ANONIMA

Unica e definitiva representação desta hilariante comedia, um dos maiores exitos da epoca

LITERATURA

"RINDO E CHORANDO..."

POR LUZIA

Transcrição do capitulo "A Consulta"

Toutes les saisons sont belles, toute l'année, toute la vie...

Marie Barkirtseff

Luzia, a brilhante escritora, que todos os nossos leitores conhecem, acaba de publicar mais um encantador volume de excelente prosa dialogada intitulado «Rindo e chorando». Desse livro que é uma verdadeira joia literaria transcrevemos hoje o capitulo «A Consulta»:

De tarde. A luz entra, suave e discreta, através os pezados reposteiros de veludo côr de cereja. As poltronas são amplas e profundas. Sobre a meza recorta-se, elegante e fina, uma palmeira. Ha flôres nas jarras. Os quadros, paisagens claras, banhadas em sol, invocam doces vilegiaturas, na alegria da convalescença. Cheira a tilia e a tabaco inglês.

DOUTOR X, cincoenta anos. Cabelo grisalho. Fisionomia inteligente. Uns olhos que lêem, que prescrutam, que adivinham. A'quele é escusado mentir...

IZABEL, delgada, serpentina, linda de expressão, de graça, de vivacidade... Trinta e cinco anos leves, como se fossem vinte e cinco apenas.

MARGARIDA, palida, fanada com qualquer coisa de doloroso, de magoado...

IZABEL *(alegremente)*—Oh! o encanto de consultorio! Nem a gente acredita que se lavrem aqui tantas sentenças de morte!

DOUTOR X *(sorrindo)*—Mas, minha querida senhora, aqui só se assinam decretos de saude...

IZABEL—Tudo florido como uma capela...

DOUTOR X—Milagrosa... E' que eu faço concorrencia a Nossa Senhora de Lourdes...

IZABEL—Até se perde o horror aos medicos...

DOUTOR X—Pois deveras, teem-nos assim tanto horror?

IZABEL—Eu tenho, confesso... Lembram-me drogas, doenças e a mais odiosa coisa que se inventou: a morte...

MARGARIDA — Comigo dá-se exactamente o contrario, embirro com os medicos porque teimam em prolongar o que mais me cansa e pesa: a vida...

DOUTOR X *(docemente repreensivo)*—Então essa neurastenia?...

IZABEL — Ralhe com ela, doutor... Está peor do que nunca...

DOUTOR X—Não segue o seu exemplo. Acho-a mais alegre, mais brilhante ainda... E, se é possivel, mais nova...

IZABEL *(rindo)* — Realmente não tenho pressa nenhuma de envelhecer. O doutor conhece algum elixir de eterna mocidade?

DOUTOR X—Não precisa...

IZABEL—Ah! quem pudesse ter mil anos de vida! Talvez seja uma inferioridade, mas eu adoro este vale de lagrimas... Gosto do verão, do inverno, dos dias bonitos, dos dias de chuva, do sol doirado, dos nevoeiros cinzentos... Acho encanto em tudo... Se a gente chora hoje, melhor nos saberá sorrir ámanhã... A luta, o esforço que nos custa a existencia, maior valor lhe dá ainda. Por uma ilusão que se perde, outras mil se encontram... meu caro doutor sofro de optimismo agudo...

DOUTOR X—Deliciosa doença! Não pretende que a cure decerto...

IZABEL—E' incuravel. Seria em vão toda a sua sciencia...

DOUTOR X—Felizmente... *(a Margarida)* E V. Ex.ª onde tem estado que não a vejo ha tanto tempo. Aceitou, emfim, o meu conselho, viajou?

MARGARIDA—Sou a mais docil das suas doentes.

DOUTOR X *(sorrindo)*—Quanto a isso protesto...

MARGARIDA—Não tem razão... Enguli todos os seus brometos, sujeitei-me a todas as suas diabolicas electricidades, consultei todos os seus abominaveis colegas especialistas, e, durante mêses, passiei pelo mundo o meu tormento, que, já se vê, voltou comigo...

DOUTOR X—Falta-lhe a fé, minha senhora... E, sem ela...

MARGARIDA *(amargamente)*—Ninguem se salva, bem sei... Sou uma condenada as penas eternas... Começou já o meu inferno...

IZABEL—E' isto que vê, Doutor... Multiplicaram-se-lhe os macaquinhos no sotão...

MARGARIDA—Experimentei tudo. O sanatorio ia-me enlouquecendo. Aquele socego, aquela disciplina, as duches de manhã, as horas infindaveis no parque, estendida sobre uma *chaise-longue*...

IZABEL—Deixe falar, Doutor... Era lindo o parque. Hei de mostrar-lhe uma fotografia da celebre *Allée des chênes*...

DOUTOR X—Tambem lá esteve?

IZABEL—A minha maluqueira alegre fez sempre companhia á maluqueira triste de Margarida...

MARGARIDA—Izabel tem sido o meu anjo bom... Sem ela eu não teria suportado um só dia daquele horror...

IZABEL—E' a tal mania de vêr tudo pelo lado negro... Eu diverti-me imenso na Casa de Saude. Batizei-a logo de *Maboul City*. Ficou-lhe o nome... O Doutor Gervais prometeu-me que ia manda-lo gravar, em letras de ouro, no portão... que homem encantador, o Doutor Gervais! E que pitorescos alguns dos nevropathas... E' assim que se diz?

DOUTOR X *(com um sorriso)*—Perfeitamente, minha senhora...

IZABEL—Tomei duches por gosto. Ficava mais esperta depois...

DOUTOR X *(malicioso)*—Ainda mais?!

IZABEL—E arranjei um *flirt*... Um estranho *flirt*... *Monsieur Gabriel*.

DOUTOR X *(galante)*—Feliz mortal!

IZABEL—Pouco exigente sobretudo. Todas as suas ambições se resumiam em... sermos enterrados juntos.

DOUTOR X—Que animal!

IZABEL—Ao principio... brr! quando o homem repisava, beijando-me as mãos, que haviamos dir no mesmo caixão, dava-me um arrepio cá por dentro...

MARGARIDA—Isabel, lembra-te que o Doutor tem outros doentes, estamos a tirar-lhe o tempo...

DOUTOR X—São as minhas pequeninas ferias, minha senhora... *(a Isabel)* Continui, peço-lhe... E depois do arrepio?...

ISABEL—Depois, nem ouvia... Sentia apenas o beijo e... sabia-me bem. Doutor, aprenda... E' preciso colher as rosas sem reparar nos espinhos...

DOUTOR X—Amavel filosofia! *(para Margarida)* V. Ex.ª não se demorou então no Sanatorio?

MARGARIDA—Quizeram que eu experimentasse os Pyrineus... Ia morrendo de tristesa na solidão de Saint-Sauveur. Em seguida, aconselharam-me distracções, bulicio, Paris... Foi o peor de tudo. Parecia-me que tinha os miolos em fogo...

ISABEL—Eles já andam a arder há tanto tempo! Calcule, Doutor... Margarida queria que eu a levasse todas as manhãs ao cemiterio de Passy... Eternisava-se diante do mausoleu, onde dorme, embalada pelo verso de Theuriet, aquela estranha Marie Barkirtseff...

DOUTOR X—Que tanto queria viver...

ISABEL—As cinzas da Princesinha russa nunca foram tão visitadas... Ah! decididamente, a tristesa, não entra comigo! Fiquei á prova de fogo depois daquela vilegiatura funebre...

DOUTOR X—E' que o cemiterio de Passy mais parece um jardim... E, nos dias de sol...

ISABEL *(rindo)*—Mas nós iamos tambem nos dias de chuva...

DOUTOR X *(para Margarida)*—Que excentricidade! *(a Isabel)* Não deve fazer-lhe todas as vontades, minha senhora...

MARGARIDA *(vivamente)*—Se me contrariam é peor...

DOUTOR X—Vem então consultar-me, outra vez, e, já se vê, não me dá licença de contrariá-la,,

ISABEL—Ah! Doutor... Tinha-me esquecido, neste prazer de tagarelar... Eu é que sou hoje sua cliente...

DOUTOR X—Está brincando comigo?

ISABEL—Quasi... E' uma coisa que não vale a pena, decerto... Um insignificante *doe doe*... que nem sequer me doe...

DOUTOR X—De que se trata, minha senhora?

ISABEL—Tenho há muito tempo um caroço... Oh! pequenino... mal se vê... mas ontem, por acaso, a minha mãe deu por isso e quiz, á força, que eu viesse consultar o Doutor...

DOUTOR X—Vou examiná-la, minha senhora...

ISABEL—Como se fosse uma doença a valer?... Pois não lhe basta a minha descrição?...

DOUTOR X—Tenha paciencia. E' um momento apenas... Mostre-me esse famoso *doe doe*...

(Isabel desaperta o vestido, descobre o colo branco onde correm finas, delicadas veiasinhas azuis).

ISABEL—Por pouca coisa o incomodei, não é verdade, Doutor?

DOUTOR X *(que empalideceu de leve; mas sorri)* — Realmente...

ISABEL *(sorrindo tambem)* — Não é preciso cortar?

DOUTOR X — Não, descance...

ISABEL — E' que eu tenho um tal amor ao meu rico corpinho... Chega a ser pecado... E, se me visse com uma cicatriz, nunca mais me consolava...

DOUTOR X — Querem ver que preferia a morte?

ISABEL — Tambem não, Doutor. Prefiro viver inteirinha, perfeita, como Deus me fez... Receita-me alguma coisa?

DOUTOR X — Uma pomada *(escreve)*.

ISABEL — Que não cheire muito mal... Desfaz-se o *doe doe*?,,

DOUTOR X — Sem duvida...

MARGARIDA — Agora vamos, filha. E' tarde. Já nos demorámos de mais... O Doutor tem que fazer...

ISABEL *(levantando-se)* — A culpa é dele. Arranjou um consultorio tão agradavel, tão bonito, que a gente não tem animo de se ir embora...

DOUTOR X — Não sou eu que as mando...

ISABEL — O Doutor é a galanteria em pessoa... Adeus. E, quando fôr a serio, prometo voltar, para o milagre... Dá licença que lhe roube um cravo?

(Tira um cravo vermelho da jarra, enxuga-lhe delicadamente a haste, prende-o na cintura).

MARGARIDA *(um pouco embaraçada)* — Vai descendo, sim? Eu preciso dizer uma palavra, em particular, ao Doutor sobre as minhas manias...

ISABEL — O classico segredinho da neurastenia... Já estou habituada,,. Pois dize. E, meta-a na ordem, Doutor... *(sai rindo)*.

MARGARIDA *(ansiosa)* — Doutor, a mãe de Isabel está na maior inquietação. Ambas as irmãs lhe morreram com... O Doutor sabe, que as tratou... A Isabel, graças a Deus, nem se lembra... Mas nós, quando vimos aquele caroço e ela nos confessou que o tem ha tanto tempo... Doutor, diga-me tudo... Conhece a minha coragem nas grandes ocasiões... Os nervos dão-me para aí... E'... o que receiamos?...

DOUTOR X *(depois de hesitar um momento)* — Infelizmente...

MARGARIDA *(muito palida)* — E ela com tanto horror a operações, coitadinha!

DOUTOR X — Não terá que faze-la... E' inutil, minha senhora. Veio tarde de mais...

MARGARIDA *(a voz treme-lhe)* — Então a Isabel está perdida?!... A Isabel vai morrer?!!

(Doutor X deixa cair os braços num gesto de desolução...)

Lisboa, Abril de 1920.

Marcou ontem mais duas enchentes a incomparavel revista do

TEATRO SALÃO FOZ

o já celebre

Piparote

que continua sendo a peça triunfante

Depois de amanhã, 4.ª feira—Recita dos autores Xavier de Magalhães e Lourenço Rodrigues.

Apesar de continuar em pleno exito vão já efectuar-se no

TEATRO APOLO

as **ultimas representações** da sensacional revista

BELO SEXO

Aproveite quem não quizer ficar sem ter admirado a famosa peça.

AVENIDA

Até ao dia 25

PEROLA NEGRA

Estão suspensas as entradas de favor

POLITEAMA

Empresa Luis Pereira

Telef. N. 3028 — A's 21,30

Ultimas representações

AZAS QUEBRADAS

Grande exito da companhia

Amelia Rey Colaço — Robles Monteiro

SEXTA-FEIRA, 26 — Recita de

ANGELA PINTO

O REGRESSO

DENTADURAS

CONCERTAM-SE EM 4 HORAS

Rua da Palma, 40-1.º

Bernardino Nunes

O «Diario de Lisboa» vende-se em Paris na «Portugaise Publicité», Boulevard Magenta, 30.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Cartas de Amor

Encontrei ha dias no espolio dum amigo que morreu moço, quando a primavera das suas ilusões rompia ainda, uma colecção de cartas de Amor, cartas doentias, escaldantes de febre e de paixão, pedaços de alma arrancados aos poucos, trechos de loucura e de devoção.

Ela era linda e pura—vint'anos de graça e de beleza, perdidos na Cintra d'Oceano, nessa verde ilha onde ha pouco terminou uma grande tragedia imperial.

Ele—a historia de todos os dias—não conseguira captar as simpatias dos pais. Romantico, sonhador, sentimental, não era positivamente o partido que lhes convinha.

Falavam-se a sós, á luz do luar, por qualquer canto solitario do jardim. Mas onde o Amor vivia, onde a Paixão escaldava, era nas suas cartas, desvairadas, sensuais, febricitantes.

Acabo de lê-las uma a uma. Ali passa, com scenario, com vida, com alma, a historia desse grande amôr. Umas cheias de fé, outras desesperantes, todas repassadas de infinita ternura, — elas comovem, fazem chorar.

A ultima recebeu-a ele poucos dias antes de morrer. E' de torcer o coração. Participa-lhe o seu casamento com o negro importador de cacau que o pai trazia debaixo de olho ha muitos mezes . . .

Fernando não lhe respondeu. Começou então a sua rapida agonia. E quando as andorinhas voltaram encontraram o corpo do poeta morto, coberto de violetas e de lirios.

Essas folhas de papel que preciosamente guardo são a historia dum grande drama — dum drama que só pode ser compreendido e sentido por quem já amou . . .

Felix Correia.

Lisboa Ginasio Club

Realiza hoje a sua festa anual no Coliseu dos Recreios

Com a assistencia do sr. presidente da Republica e com um programa magnifico, realiza-se hoje, no Coliseu dos Recreios, a festa anual do Lisboa Ginasio Club que este ano sobreleva a todas as que se teem feito anteriormente. Do programa fazem parte trabalhos em paralelas, pesos e alteres, argolas, barra, acrobatismo olimpico, jogo de pau, esgrima de florete, espada e sabre, luta greco-romana, jú-jútsú, demonstrações de defesa em caso de ataque na rua seguidas de um assalto, ginastica sueca (classe infantil), equitação, intermedios e saltos comicos, batuda americana, poses plasticas e um «match» desforra entre os pequeninos lutadores Alvaro Rodrigues Lira e Fernando Rodrigues Lira, discipulos de Manuel Grilo que arbitrará o combate.

Exame para major

Concluiu o exame para major, ficando aprovado, o capitão sr. Paula Pacheco, devendo ser promovido brevemente.

OURO

SÓ PELO PESO, SEM FEITIO

6, RUA DA PALMA, 12

UNICA CASA QUE TEM UM PAVÃO

CAMBIOS

DIA 22

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	61$000	63$000
Londres, cheque	4 1/4	4 1/8
» 90 d. v.	4 3/8	—
Rio Londres	7 19/32	—
Paris	1$152	1$184
Itália	$650	$669
Bélgica	1$054	1$086
Suiça	2$418	2$421
Espanha	2$008	2$049
Berlim	$040	$045
Holanda	4$925	5$014
Nova-York	12$493	13$078
Austria	1	3
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Agio do ouro	1.150	1.300

UM CASO DE EPILEPSIA?

A scena de tiros

NA AVENIDA DA LIBERDADE

O "Diario de Lisboa" entrevista

um dos protagonistas, o sr. Arnaldo Pimenta de Castro, e seu pai, o sr. dr. Manuel Pimenta de Castro

Sobre a scena de tiros desenrolada na Avenida, ao meio-dia de sabado passado, já aqui recolhemos o depoimento de D. Beatriz de Azevedo, a senhora que agrediu o estudante sr. Arnaldo Pimenta de Castro.

Por um dever de lealdade e porque nos garantiram que as declarações dessa senhora não correspondiam á verdade, fomos hoje até á rua de S. Luiz, onde vive, com sua familia, o agredido.

Seu pai, o juiz do Supremo, sr. dr. Manuel Pimenta de Castro, é destas figuras de magistrado que não necessita de toga para denotar a maior e a mais nobre austeridade. Profundamente comovido com o drama que agitou o seu nome nas colunas dos jornais, fala-nos, comtudo, serenamente, satisfeito por ver o intuito de justiça que nos anima:

—Tudo quanto se tem dito nos jornais sobre o caso é um amontoado de mentiras. Meu filho não precisa de pedir dinheiro a ninguem. Felizmente, tenho o bastante para lhe dar o que ele necessite.

—V. ex.ª tinha conhecimento das relações entre seu filho e essa senhora?

—Desconhecia-as. Foi ela quem na passada sexta-feira me revelou tudo, no Supremo Tribunal, onde me procurou após a sessão.

Eu nem sabia quem ela era. Contou-me o que consta dos jornais—e eu ouvia, pasmado, certo de que meu filho se portara sempre com a dignidade e o caracter que lhe são peculiares.

—Pediu-lhe para o obrigar a casar com ela?

—Pediu. E eu respondi-lhe que, embora meu filho fosse maior, falaria com ele, e que estava certo de que ele cumpriria os compromissos que porventura houvesse tomado.

—A sua atitude era agressiva?

—Não. E por isso fiquei surpreendido quando soube que ela, poucos minutos depois, estivera mostrando no *Carnaval de Veneza* uma pistola, dizendo que da outra vez dera um tiro em meu filho, quando ele subia para um electrico, sem lhe acertar, mas que desta vez não sucederia o mesmo, pois se exercitara.

—V. Ex.ª tem duvida em me deixar falar a seu filho?

—Até acho util, porque ele poderá dar-lhe mais alguns esclarecimentos.

* * *

O estudante de engenharia Arnaldo Pimenta de Castro encontra-se no seu quarto, o corpo a arder em febre, o rosto, inchadissimo, entre ligaduras. Mal se reconhece. A bala entrou-lhe por detraz na maxila direita, atravessando-a. Fala com dificuldade mas serenamente, sinceramente:

—Mais do que a dôr fisica, o que me fez sofrer mais foi a dôr moral de ver o nome dos meus arrastado num lodaçal de torpezas, de mentiras.

—Há muito tempo que tinha relações com essa senhora?

—Ha quatro anos. Vivia separada de seu marido, um santo homem que gastou com ela rios de dinheiro que ela lhe agradecia, então, insultando-o, caluniando-o. O que ela me está fazendo a mim fê-lo a seu marido e a seu cunhado, essa bela figura de marinheiro que é Policarpo de Azevedo. Um pormenor interessante: — A pistola com que me deu os tiros arranjou-a ela, há anos, para o matar...

—E o que é essa historia dos 95 contos?

—Ela nunca teve 95 contos. Tinha apenas uns 16, produto da venda dum predio, que, jogando na Bolsa, transformou nuns 24 contos.

—Ela jogava na Bolsa?

—Eu não o sabia. Encontrei-a lá uma vez —e puz-lhe imediatamente o dilema:—«ou nunca mais aqui vens ou deixo de te falar!» De resto, você calcula que o sentimento que eu tinha por ela era talvez mais dó do que amor.

—E ela?

—Deixou de frequentar a Bolsa. Algum tempo depois pediu-me para lhe vender umas acções. Fi-lo, dando-lhe o dinheiro. Escriturei até tudo num caderno, que ela tem em seu poder.

—Garante-me que nunca lhe gastou dinheiro algum?

—Garanto-lhe!

—E que ela não tem documentos comprovativos de qualquer divida sua para com ela?

—Garanto-lho!

—E as joias?

—Vendeu-as ela pessoalmente, desconfio que na rua de Santo Antão, ha duas semanas. Bastante lho censurei depois, quando o soube. Disse-me, então, que o fizera para pagar dividas contraidas por ela. Sempre foi uma gastadora.

—Depois...

—No sábado, ao meio-dia, encontrou-me na Avenida. Declarou-me que, se eu me recusasse a casar com ela, mataria um ente querido para mim: minha mãe, meu pai ou meu irmão.

— E você?

— Disse-lhe que isso era ignobil. Que, no nosso caso, se, havia algum culpado, era ela, pela sua leviandade; que da minha parte houvera apenas caridade para com ela; mas que, admitindo ainda que eu tivesse culpas, só eu deveria pagá-las. E enojado mesmo com aquilo, disse-lhe:

— «E' a ultima vez que te falo! Não penses mais em mim!»

Descemos a Avenida. Em frente ao largo da Anunciada, do nosso lado direito, ha um quiosque. Comprei fósforos... acendi o cigarro... Nesse momento ouvi uma detonação. Senti um repelão na cara, mas julguei que o estampido fosse dalgum pneumatico.

—Não viu ela disparar?

—Voltei-me para traz—nessa altura já o sangue me sahia ás golfadas do rosto—e vi-a, a dois metros, o braço direito estendido, a pistola visando-me a cabeça. Segundo, terceiro, quarto... seis tiros.

—Todas as balas, não?

—Ainda lhe ficaram duas na pistola, porque nesse momento dois policias puxaram das «Parabellum» e apontaram-lhas. Teatralmente, abriu os braços e deixou cair a arma.

—Trata-se, a seu vêr...

—... duma epileptica. Qualquer medico poderá constatá-lo. Das calunias que ela bolsou contra mim, não me admiro. Muitas vezes me disse:—«Se me abandonas, não haverá coisa de que te não acuse! Serás um homem ao mar!».

—Faz parte em juizo contra ela?

—Pela tentativa de homicidio não. Pela difamação, sim. Tenho obrigação de não permitir que se enlameie o nome honrado dos meus.

O nosso interlocutor está visivelmente fatigado. Diz-nos que, terminado este ano o seu curso de engenheiro, seguirá para Africa, como tencionava.

Despedimo-nos, convencidos de que só agora aparece na imprensa a verdadeira historia do caso que apaixonou Lisboa nas ultimas 48 horas.

Foi hoje enviada para juizo D. Beatriz de Azevedo, aquela senhora que, conforme noticiámos, disparou um tiro de revolver contra o seu namorado sr. Arnaldo Pimenta de Castro, caso que se passou no sabado, na Avenida da Liberdade, e cujas consequencias são do dominio dos nossos leitores.

Os Teatros

A récita de Alfredo de Sousa

Com a primeira representação nesta epoca da interessante opereta «A Rainha do Animatografo», que a companhia Armando de Vasconcelos incluiu no seu repertorio, realisa hoje a sua festa artistica no teatro S. Luís o distinto actor Alfredo de Sousa.

Sua esposa a distinta actriz Aldina de Sousa far-se-ha ouvir em alguns trechos das operas «Werther» e «Tanhau ser». O festejado interpretará na peça o papel brilhantemente criado por José Ricardo.

Alfredo de Sousa, que tem estudado muito e muitissimo tem progredido, conquistou já, mercê do seu esforço e do seu talento, um logar brilhante no teatro português.

A sua festa de hoje deve atrair ao S. Luís extraordinaria concorrencia.

As audições Rey Colaço

Por motivo de doença de pessoa de familia não pode a pianista Irene Gomes Teixeira realizar os seus anunciados recitais, um dos quais se deveria realizar hoje. A série dos concertos de Alice e Maria Rey Colaço termina rão em 27 e 29. Neste ultimo, que abrirá por uma conferencia do sr. dr. Manuel de Sousa Pinto, apresentar-se-hão as pianistas Felicidade Pereira de Carvalho e Maria Rey Colaço, fazendo-se ouvir nessa ocasião um interessante numero de Brahms de piano a quatro mãos e quarteto vocal.

Atrás do reposteiro

No festa artistica de Otelo de Carvalho que no dia 6 de Junho se realiza no Salão Foz, com um esplendido programa, será representada uma interessante peça em verso, em um acto, do inspirado poeta Antonio Carneiro.

—A'manhã e depois não há espectaculo no teatro Nacional, para se proceder aos ensaios de apuro das peças «O auto dos faroleiros», de D. Branca de Gouta Colaço, e «Cavalgada das nuvens», de Carlos Selvagem. As «premières» estão marcadas para quinta-feira. À semelhança da peça «Chantecler» que há anos se representou no «Théâtre Porte Saint-Martin», de Paris, a peça de D. Branca terá três «premières».

—É definitivamente no dia 23 que sobe á scena ao teatro S. Luís a opera em um acto, de Julio Dantas e Luís Filgueiras, «A ceia dos cardeais». A distribuição é a seguinte: «Cardeal Gonzaga», Miguel Orrico; «Cardeal Rufo», Luís Macieira; «Cardeal de Montmorency», Brazão Gamboa. A peça está sendo ensaiada pelo actor José Ricardo.

—Ainda se não sabe em que teatro funcionará no Porto a companhia espanhola que actualmente está ao Eden.

—O palco de teatro Maria Vitoria, do Parque Mayer, está sendo construido pela União dos Maquinistas Teatrais Portugueses.

—Para a festa de D. Francisco de Sousa Coutinho, que na quinta-feira se realiza no teatro de S. Carlos, tem sido grande a procura de bilhetes. O programa constará da representação do 1.º acto da «Bohème», do 2.º acto da «Tosca» e de um acto de concerto em que, além do festejado, tomam parte, entre outros, os seguintes artistas e amadores: Angela Pinto, Auzenda de Oliveira, Manuela Pinto Basto, Aldina de Sousa, Alves da Silva, Sales Ribeiro, Fernando Pereira, D. João da Camara (Ribeira), D. Ascenso de Siqueira (S. Martinho), etc.

— No Apolo vai fazer-se «reprise» da peça «Porto, tantos de tal».

CARTAZ

S. Carlos—Não ha espectaculo.
Nacional—Ás 21—«A carta anonima».
S. Luís—A's 21—«A rainha do animatografo»
Politeama—A's 21,30—«As Asas quebradas».
Avenida—Ás 21—«Perola Negra».
Apolo—Ás 21—«Belo Sexo».
Chiado Terrasse—Não ha espectaculo.
Eden-Teatro—A's 21—Companhia espanhola de zarzuela.
Salão Foz—A's 20,30 e 22,30—«Piparote».
Coliseu dos Recreios—A's 21—Sarau sportivo
Gil Vicente (á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas feiras—«Pim Pam Pum».
Teatro dos Anjos—Ás 20,30—Com panhia de variedades

Animatografos e variedades

Olimpia (Rua dos Condes).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora (Ao Calvario).
Eden Cinema (Alcantara).

Uma vaga no Conservatorio Nacional de Musica

Foi concedida licença ilimitada ao sr. Manuel dos Santos Gil, professor do Conservatorio Nacional de Musica, considerando-se por isso vago o logar que ali exercia.

Malas postais

Pelo «Andes» são ámanhã expedidas malas postais para a Madeira, Pernambuco, Pará, Manaus, Baia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos-Aires, sendo ás 11 horas a ultima tiragem da caixa geral e fechando os registos ás 9.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

NOVOS PAROCOS

Bernardo Cabrita

TOMOU ONTEM POSSE DA

paroquia dos Martires

Realizou-se ontem a cerimonia da posse do Rev. dr. Bernardo Antonio Cabrita, novo paroco da igreja dos Martires, desta cidade.

O novo paroco celebrou missa, dirigindo uma brilhante alocução aos fieis presentes.

* * *

O Rev. dr. Bernardo Cabrita tem o curso teologico canonico e é formado em filosofia e letras, com dis-

Rev. Bernardo Cabrita

tinção. Foi nomeado professor, prefeito e secretario do Seminario do Algarve, prior do Alferce, Beneficiado Capitular, secretario do Rev.mo Cabido da Sé de Faro e Beneficiado da Sé de Lisboa.

Quando da expulsão do sr. Cardeal Patriarca, depois do 5 de Outubro, partiu para o Brasil. Em S. Paulo desempenhou o logar de comissario da igreja da V. O. T. do Carmo e de director das Damas de Caridade e da Casa Pia de S. Vicente de Paula. Foi redactor duma revista carmelitana que fez reaparecer. A colonia portuguesa que o estremecia, publicou-lhe os discursos, entre eles as orações funebres de Sidonio Pais.

Regressou a Portugal ha um ano.

Os exames nos liceus

Informam-nos que o serviço de exames nos liceus terá de ser interrompido a partir de 31 de julho, recomeçanda em outubro e não podendo, por isso, finalizar em alguns liceus antes do Natal. O motivo daquela resolução, por parte do professorado secundario, consiste no facto de não haver verba suficiente para remunerar tal serviço devendo portanto os professores prestar apenas o serviço diario a que são obrigados. Actualmente os professores dos liceus recebem 40 centavos por cada hora de serviço de exames.

No Governo Civil

O chefe do distrito visita os calabouços e as outras dependencias

O sr. Governador Civil, acompanhado pelo comissario geral da policia, andou hoje visitando os gabinetes das secções da policia de investigação e os respectivos calabouços, a fim de verificar quaes são os melhoramentos de que necessitam.

E' bom frizar que ha alguns gabinetes da policia de investigação que precisam uma reforma radical, pois que não existem mesas nem cadeiras para o pessoal poder trabalhar, e os calabouços há alguns que precisam serem remodelados, pois teem falta de higiene.

ENTRE MONARQUICOS

Pela segunda vez

romperam-se as negociações para um acordo entre integralistas e manuelistas

O QUE FARÁ O GRUPO "RESTAURAÇÃO"?

Muitos julgaram que, pelo pacto de Paris, ficariam de vez desfeitos os desejos dum acordo entre os dois agrupamentos em que os monarquicos estão divididos. Enganaram-se, porém.

—No proprio dia do Congresso Integralista—diz-nos um membro do grupo *Restauração*, que se encontra em Lisboa—Americo Costa Leal e Ernesto Gonçalves dirigiram-se ao dr. Antonio Sardinha, dizendo-lhe que iam mandar chamar a Lisboa os elementos preponderantes do nosso grupo e preguntando-lhe se, da parte da Junta, se levantariam dificuldades ao encetamento de negociações para um acordo. O dr. Antonio Sardinha respondeu-lhe:

—A Junta Central, como de resto toda a organisação integralista, o que pretende é proclamar a Monarquia Portuguesa. E' claro que não nos serve um fantasma de Monarquia. Assim, estamos como sempre estivemos, dispostos a chegar a um acordo, desde que os principios—incarnação viva da Patria que por eles viveu—sejam salvaguardados.

Chamou-se a Lisboa Marques Mano, director da *Restauração*, e com ele veiu Henrique de Menezes Parreira, couceirista dedicado. Ambos trataram com a Junta Central e ofereceu-se a mediação do grupo para as negociações.

— A Junta redigiu uma nota com as bases em que aceitaria essas negociações...

— ... e que eram: 1.º reconhecimento das vantagens nacionais da doutrina integralista; 2.º deixar á vontade do governo restauracionista o restabelecer ou não a Carta Constitucional após a vitoria e bem assim o modo de convocação das Côrtes, ás quais competiria depois estabelecer a lei fundamental da Nação; 3.º absoluta independencia da Igreja servida pelo Estado; liberdade de ensino congreganista e restituição á Igreja, na medida do possivel, dos bens confiscados.

— E' claro que aos catolicos agradavam sobremaneira estas condições...

— Sim. Até *A Epoca* o manifestou claramente.

—E os mediadores concordavam com elas.

—Pelo menos na essencia, absolutamente.

—Foram então...

—... Marques Mano, Americo Costa Leal e Ernesto Gonçalves ter com o sr. conselheiro Aires de Ornelas.

—E que resposta deu elé?

—Cortou imediatamente as negociações—ou antes nem as deixou encetar — com estas palavras:

—«Já há muito tempo que eu andava com vontade de *espirrar*. Chegou agora a ocasião»

—Malograram-se, pois, as esperanças de acordo.

—Sim, por culpa do sr. conselheiro Aires de Ornelas.

— E que fazem agora os da *Restauração*?

—Ainda se não sabe bem ao certo. Ou se organizará a dentro do manuelismo o combate pela doutrina integralista, ou cada um irá tratar do seu curso, da sua vida...

UM APELO OUVIDO

MERCEDES BLASCO

A POSSE DO SEU LOGAR DE SOCIETARIA DO TEATRO NACIONAL

Uma comovente carta de uma senhora da nossa sociedade

Os que sentem as infelicidades alheias como se as suportassem teem ido a casa de Mercedes Blasco, atenuar com palavras consoladoras e auxilios materiais o seu grande sofrimento.

A distinta actriz enviou a Augusto Pina, administrador do teatro Nacional, a seguinte carta:

«Meu caro Augusto Pina

«Eu nunca acreditei nas insinuações malevolas de alguns espiritos pessimistas, sobre uma oposição possivel dos meus colegas do Nacional.

São todos Artistas e Artista quere dizer Coração.

Demais, eu fui sempre tão amavel, para muitos deles, nos meus livros, nos meus artigos de jornal...

Não, eu nunca acreditei.

A decisão dos societarios alegrou-me—se é que eu posso ainda ter alegria—porque muito me custaria entrar nesse teatro, sem me sentir acarinhada pelos meus colegas.

Como não posso abandonar meu filho um momento, tomo posse do meu lugar por este meio.

Obrigado, muito obrigado, em meu nome e no de meu filho.—*Mercedes Blasco.*»

Uma senhora da nossa primeira sociedade enviou a Mercedes Blasco um donativo importante, acompanhado da seguinte carta:

«*Minha senhora.*—Ha duas horas que penso na sua desdita e na intensa dôr do seu coração de Mãe, e eu que não sou nervosa, sinto-me de tal forma comovida, que não consigo suster as lagrimas.

Quando era ainda criança li o seu livro—tão interessante!—«Memorias duma Actriz» e tantas vezes o reli que esse livro era já muito velhinho, comprando outro que mandei encadernar com luxo, de tal forma gostava dele, livro que mais tarde me desappareceu. Passei horas deliciosas lendo a «Musa Histerica», que conservo, vi-a tambem representar, tão graciosa, tão encantadora! Devo-lhe, pois, horas de alegria, é bem que chore hoje sabendo como é infeliz!

Minha senhora, sou pobre e por isso não levará a mal a insignificante lembrança que em nome dum filhinho meu da mesma idade do seu Marcelo lhe envio para a pobre e querida criança doente.

Pedia-lhe tambem para me mandar dizer se o seu filhinho deseja alguma coisa, se tem qualquer desejo.

Madame Blasco estando junto dele sempre, não lh'o poderá fazer, e eu, da melhor vontade, o faria.

Creia que não a quero maguar, sou mãe e avalio a sua dôr.

Ha tempos li um artigo seu, que muito me penalizou e tenho pensado muito em si! Como a senhora deve sofrer e que má e ingrata é a Humanidade!

Mais uma fineza lhe peço, dê um grande beijo no seu querido Marcelo por mim e diga-lhe que Mãe e Filho têm em mim uma amiga, pouco prestavel, mas sincera. E guarde para si apenas tudo que lhe escrevi n'esta carta, bem mal escrita na verdade, pois que os meus olhos não estão bons hoje.

Coragem!»

Pela gentil e talentosa «divette» D. Laura Costa foi entregue ao nosso camarada Sarmento Duque a quantia de 50 escudos para Mercedes Blasco.

AS NOSSAS COISAS

O metropolitano

A CAMARA LEVOU 9 MESES

a indeferir o projecto

O Metropolitano... Um comboio por debaixo do chão, como há nas chamadas grandes cidades... Os senhores estão a ver o que isso seria...

A gente a vingar-se, no escuro dos subterraneos citadinos, dos carros electricos, que andam cá por cima, com luz a jôrros e uma velocidade de fazer nervos aos que têm pressa; os «conselhos de familia», á volta dos candieiros de «paragem», banidos de vez; toda a gente a chegar a tempo e horas aos seus empregos, uma realização linda de economia; a efectivação de um sonho de progresso que traz preocupados os lisboetas, há que tempos, na teima de se integrarem nos avanços da civilização—mesmo subterranea—; o esconder-se, emfim, cada um de nós, ao menos por momentos, do que vai pela cidade, para cuidar com maior interesse do que respeita a cada um...; sem pensar mais, nem na politica, nem nas revoluções—que só se dão no sobresolo—, nem nos embaraços das carroças que fazem parar os electricos a cada momento, quando temos pressa, nem na infinidade de casos complicados que a toda a hora nos surgem a lembrar que Lisboa é uma terra de preguiçosos e que estes são tão contrarios ao trabalho, que, nem nos deixam agir, sequer, quando as circunstancias a isso nos obrigam.

Pois é verdade. Pensou-se na construção de um Metropolitano em Lisboa.

Primeiro foram os srs. João Pires Correia e Ricardo Covões a requerer, nos devidos termos, a devida concessão, em 11 de Agosto de 1919.

A Camara Municipal entendeu, pela respectiva comissão de obras publicas, que o caso era importante, que trazia grande beneficio para a cidade, e que, mais isto e mais aquilo, mas que o requerimento não podia ser deferido por não o acompanhar um ante-projecto e muita documentação, atinentes a provar que os pretendentes estavam em condições de realizar uma obra de tamanho vulto.

Era, porventura, o fiasco das obras do Rossio—que não tinham vulto nenham—a assustar os preclaros edis...

Em 11 de junho de 1920 — o praso normal das «delivrances» — a Camara transmitia aos interessados a sua resolução, tirada «à forceps».

O sr. João Pires Correia e mais o sr. Ricardo Covões, que áquele tempo já não se lembravam do caso, desistiram do empreendimento.

Depois, em 18 de agosto de 1921, surgiu novo pretendente: o sr. Angel E. Castelo.

Parece que o homem — espanhol de nome e de nascença — apresentava maior copia de elementos tecnicos para o estudo dos competentes. Além disso, dava mostras de maior esperteza, dizendo no requerimento, depois de lembrar as conveniencias higienicas de a gente andar *enterrado*—que confiava, para o deferimento, não só no patriotismo, mas ainda na honorabilidade e na ilustração da Camara.

Esta, ou porque julgasse que aquilo era piada, ou porque o requerente afirmasse que tudo se faria com beneficio do publico sem que ela gastasse um centavo pôz-se a congeminar.

— De graça!... Mas, devia haver malandrice no caso... Pois se, mesmo para escangalhar o Rocio se tinha gasto já um dinheirão... e, não houvera mais esperanças de fazer daquilo coisa diferente do deposito de entulhos em que se tornou.

E, nove meses depois, — a nossa edilidade não pode conceber uma ideia senão fisiologicamente — saiu-se agora com o seu «vereditum»: O Angel Castelo era mais explicito do que o sr. Covões, fizera, mesmo, acompanhar o seu requerimento de uma planta schematica e de um mapa de rendimento das condições contractuais; mas... faltavam, ainda assim, documentos e indicações de caracter tecnico, e economico, e financeiro, e... se calhar, fisionomico, capazes de a habilitar a uma decisão.

Queria detalhes, não fosse caso que o «Me-

(Vêr continuação na 8ª pagina).

Tel. C. 5534 **ARMAZENS DA MODA, L.DA** Tel. C. 5534

LANIFICIOS PARa HOMENS E SENHORAS

SECÇÃO DE ALFAITARIA

GRANDE SORTIMENTO EM TODAS AS QUALIDADES

LIQUIDAÇÃO DE RETALHOS DE BOAS FAZENDAS DE LÁ PARA VESTIDOS

FORNECIMENTO DIRECTO DA FABRICAS

180, RUA DOS FANQUEIROS, 186

(EM FRENTE DA RUA DA VITORIA)

LISBOA

BANCO COLONIAL PORTUGUEZ

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL ESC. 20.000:000$00

São avisados os srs. Subscritores da 2.ª emissão para requisitarem no Banco e em casa dos srs. Pinto & Sotto Mayor, de Lisboa e Porto, um impresso, onde deverão especificar a qualidade dos titulos definitivos que desejam lhes sejam entregues por ocasião da troca das cautelas.

São tambem avisados de que está a pagamento, até 31 do corrente, a 3.ª prestação da referida emissão.

Lisboa, 18 de Maio de 1922.

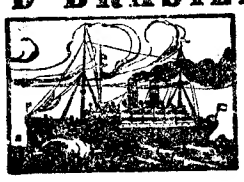
Pelo Banco Colonial Portuguez

José Francisco da Silva — Director

P. Bohm — Gerente

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO

LLOYD BRASILEIRO



O PAQUETE:

«SANTOS»

Chegará em 23 do corrente, para:

GIBRALTAR, ALGER, MALAGA, BARCELONA, MARSELHA e GENOVA

Recebendo carga e passageiros de 1.ª e 3.ª classes

O PAQUETE:

«CURVELLO»

Esperado em 24 do corrente, para:

FUNCHAL, PERNAMBUCO, BAIA, RIO DE JANEIRO e SANTOS

Recebendo carga e passageiros de todas as classes

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL:

PINTO & SOTTO-MAYOR

SECÇÃO MARITIMA

Rua do Ouro, 24 Tel. C. 1227

INSTITUTO COMERCIAL

PEREIRA DE SOUSA

FUNDADO EM 1899

RUA NOVA DO ALMADA, 53

CLASSES ESPECIAIS DE HABILITAÇÃO RAPIDA PARA GUARDA-LIVROS E CLASSES GERAIS DIURNAS E NOCTURNAS. Por terem concluido os cursos alguns alunos, ha ainda algumas vagas por preencher. Pedir programas e condições.

Não confundir este antigo e acreditado Instituto com outras escolas com o mesmo titulo ou apelido.

Companhia das Aguas de Lisboa

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

CAPITAL 7.000:000$00

Hoje, dia 22 do corrente, abriu o pagamento de 5$00 por cada acção de 100$00 desta Companhia, de dividendo votado em relação ao exercicio de 1921, e seguirá em todos os dias uteis, excepto ás quintas-feiras, que são destinadas a pagamento dos dividendos atrazados, até ao proximo dia 31.

Terminado este praso, o pagamento só se efectuará ás quintas-feiras.

Os pagamentos efectuar-se-hão, em Lisboa, na séde da Companhia, Avenida da Liberdade, n.º 20, e no Porto, na agencia do Banco Nacional Ultramarino.

Lisboa, 16 de maio de 1921.

O Director Delegado,

A. Pereira.

OS MELHORES CALÇADOS

CLARK

A' VENDA NA

Sapataria Contente L.da

Rua do Carmo, 74

Especialidade em Formas Americanas

TOLDOS

Para estabelecimentos, janelas, terraços, embarcações, jardins e praias

EXECUÇÃO, REPARAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

ENCERADOS

Para vagons, camions, barcos, maquinas e carroças

VENDA E ALUGUER

Aparelhos em navios e ascensores. Costuras em cabos de linho, pita e arame.

Balões para defença, boias salva-vidas, coletes de salvação, etc.

Redes para Tenis e Foot-Ball, Lonas, Brins, Colões, Bandeiras, Cabos e mais aprestes para embarcações.

A ACTIVA

RUA 24 DE JULHO, 8, 8-A, 8-B

FUNDADA EM 1884

Telefone-C. 3474 e 1601 **Telegramas ACTIVA**

CORREIAS

De couro, balata e pêlo de camelo

ACABA DE CHEGAR UMA

ENORME REMESSA

de correias de todos os generos, da importante fabrica

«Etablissements Léon Lobet»

de Verviers, Belgica

C. ACHON, LIMITADA

Deposito — RUA DE S. PAULO, 134, 136

Escritorio — RUA DOS SAPATEIROS, 39, 1.º

Fabrica de

Ladrilhos

Mosaicos

Azulejos

Cimentos

GOARMON & C.A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

Telefone n.º 1244

LISBOA

FYROUT

O melhor extintor de incendios. Agente, Julio Alegria. **R. Augusta, 270, 3.º. Tel. N. 3768.**

COMPANHIA DE SEGUROS

LUSO-BRASILEIRA

"SAGRES"

Assemblea Geral

Por ordem do Ex.mo Sr. Presidente é convocada a Assemblea Geral desta Companhia para a reunião ordinaria que se ha de realizar no dia 3 de Junho, pelas 15 horas (3 da tarde) na sua séde, R. Aurea, 191-1.º, para:

Discutir e votar o relatorio e contas da Direcção e parecer do Conselho Fiscal referente ao exercicio de 1921.

Lisboa, 19 de Maio de 1922.

O secretario,

Fernando de Vasconcelos

PASSAGENS e passaportes para a America do Norte, Brasil, Colonias, França, etc., em todas as companhias de navegação. Trata de toda a documentação o agente habilitado: H. Bravo. R. Vasco da Gama, 7, 2.º, E., á Moeda.

Tel.: *Bravinhagem.*

PAPELARIA VIUVA MARQUES

ARTIGOS PARA ESCRITORIO

Sortimento completo de livros para escrituração comercial. Preços modicos.

36, Rua do Ouro — Telefone: 267

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Esta Companhia recebe propostas para o fornecimento de dez mil toneladas (10.000) de carvão meudo das minas do Almirantado para entrega durante o mês de Junho.

As condições do fornecimento estão patentes na Divisão do Material e Tracção (Serviço dos Armazens) no edificio da estação de Santa Apolonia.

Lisboa, 20 de Maio de 1922.—O Director Geral da Companhia, *Ferreira de Mesquita.*

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

AINDA A ALSACIA...

OS ANTIGOS SOLDADOS reuniram-se em Congresso

Poincaré declara que o desarmamento alemão não é verdadeiro e que é necessaria vigilancia

STRASBURGO, 22

No congresso dos antigos combatentes, que se realizou nesta cidade, o sr. Poincaré declarou que os artistas da vitoria estão de guarda, vigilantes, á paz, que não querem que seja perturbada, mas não admitem que as suas condições essenciais sejam violadas impunemente. Nenhum dos antigos combatentes alimenta propositos imperialistas, que eles atribuem a calunias interesseiras; todos desejam a pacificação dos espiritos, mas não esquecem as descobertas que se fazem quotidianamente na Alemanha de armas e não crêem no desarmamento moral da Alemanha, emquanto se produzirem manifestações, tais como a de Francfort no quinquagesimo aniversario de Strasburgo. O sr. Poincaré recordou a campanha alemã a favor da autonomia e neutralidade da Alsacia e Lorena, ao passo que durante a guerra a Alemanha se absteve de proclamar essa independencia.

Hoje cada consulta popular proclama a vontade inabalavel da Alsacia ser francesa e a Alsacia conhece perfeitamente as responsabilidades da guerra, pois durante 48 anos preguntou quando chegaria a libertação e a França não quiz tomar sobre si a responsabilidade de desencadiar a catastrofe da guerra de desforra; a França nunca esboçou um gesto ou pronunciou palavras capazes de precipitarem o curso das coisas. Por isso a libertação da Alsacia ocasionou em França uma felicidade isenta de todos os remorsos, mas, presentemente, em volta da terra da Alsacia os antigos combatentes estão vigilantes, como vigilantes estão a respeito dos direitos ás reparações dos departamentos devastados, pois os antigos combatentes não tolerariam o desconhecimento, por parte da Alemanha, da promessa de indemnizar o mal que ela causou á França.—(H,)

MAQUINAS DE ESCREVER

NOVAS e usadas. Reparações e reconstrucções garantidas. Accessorios. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 3285. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.° (Junto ao Rocio).

EM ARMAZEM

Semeadores e cultivadores
Selecionadores de sementes
Acessorios para debulhadoras
TUBOS para caldeiras
Injectores e purgadores
Manometros hydraulicos e de vapor
Etc., etc., etc.

John M. Sumner & C.°
SUCESSOR
JOSÉ J. TEIXEIRA
Av. da Liberdade, 29, 37
LISBOA

OS DESTINOS DO MUNDO

GENOVA E HAIA

A ALIANÇA MORAL ENTRE A FRANÇA, INGLATERRA E ITALIA E AS RELAÇÕES COMERCIAIS ITALO-RUSSAS

Dar-se-ha em Haia um rompimento entre a França e a Inglaterra?

Falemos ainda de Genova, que terminou por uma sessão diplomaticamente tão amistosa que nem pareceu sessão de Genova. Só Tchitcherine teve palavras de censura para a maneira como foram orientados os trabalhos da comissão economica, a qual não teve a coragem necessaria para encarar de frente os problemas. Esta censura valeu-lhe o declarem-lhe que não pertencia dar conselhos a representantes de uma nação economicamente tão prospera como a Russia.

Todos os outros discursos foram de harmonia e amizade. Realmente não merecia a pena ficarem zangados... Em Haya se voltará a ajustar contas, e então é que ha de ver-se em que ficaram tantos protestos de amizade ao contentamento enorme que a França manifesta por intermedio dos seus representantes e da imprensa.

* * *

No entanto é bom não acreditar nas palavras dos diplomatas, que podiam bem cumprimentar-se á saida, visto que naquela altura não tinham interesses contrarios a defender.

Os fins que propunha a conferencia de Genova, se fossem atingidos de chofre, equivaleriam á mais formidavel das revoluções. A resistencia venceu, e alguns podem dizer que que a Conferencia nada fez.

Não é tanto assim. Subterraneamente, nos bastidores, a corrente de espiritos que ha-de levar são fins que Genova tinha em vista, formou-se, engrossou e tomou consistencia.

Essa corrente, de resto, já se vinha formando, tanto pelas necessidades vitais da Inglaterra, cada dia mais em oposição com o que a França considera e representa pelo menos os seus interesses imediatos, como pelo fermento de ódio que desde a guerra vai aumentando diariamente em Italia com razões e sem elas.

* * *

A' entrada em Genova, assistia uma aliança moral, que vinha desde a guerra, entre a França, Inglaterra e Italia. Houvéra dissenções, questiunculas, mas o principio da aliança permanecera, ainda que no fundo se lhe sentisse já a desagregação.

Sobre todos os trabalhos da Conferencia impendeu como uma ameaça constante o espectro d'uma ruptura violenta. Não se deu, mas, ao terminar, a situação é muito diferente.

A Italia e a Russia, utilizando o esquecimento de se terem incluido os tratados comerciais no numero dos que foram proibidos até á Haya, entendem-se comercialmente, e as atenções de que a Italia rodeou a delegação russa continuam.

Por outro lado a Inglaterra, tratando os «soviets» sem aquela rudeza que seria de esperar se os considerarem os verdadeiros responsaveis do fracasso da conferencia, dá á Italia provas da maior deferencia, como a Inglaterra costuma dá-la no dominio economico. E assim, tem-se por certo que não tardará muito que a Italia não obtenha importantissimas concessões nas explorações inglesas de petroleo, na Russia, além de outras vantagens que permitirão á Italia o abastecimento de materias primas em larga escala.

E' certo que o rompimento entre a França e a Inglaterra não se deu. Mas continuando as coisas a avançar neste sentido, o certo é que, ao reunir em Haya, os interesses da França estarão tão pouco ligados aos da Italia, da Inglaterra e da Russia, e os destas tres já tão unidas numa base positiva, que o alheamento daquela será já um facto.

* * *

Depois, o tratado de Rapalli continua a ser objecto das maiores preocupações para todos, e com razão, O acôrdo é comercial, afirmaram-no solenemente, tanto os delegados russos como os alemães. Mas, mesmo assim, o que não pode vir a ser no campo economico, essa colaboração intima de dois países, que atravessam uma época penosa que lhes exacerba todos os impetos vitais, o desespero e a desforra, um dos quais é o mais rico em materias primas, e outro tem uma população composta quasi exclusivamente por tecnicos e dos melhores do mundo?

Os Estados-Unidos começam já a inquietar-se com a importancia que, brevemente, a Alemanha poderá dar á numerosa marinha russa, no que ela tem tanto mais interesse quanto precisa duma marinha para si. «Um tal empreendimento crearia ás outras nações europeias tantas dificuldades como o recente tratado de Rapalli,» diz o *New-York Herald.*

Esta perspectiva, como é evidente, é mais um incentivo para o avanço no caminho tomado pela Inglaterra e Italia. Porque se a reconstrução economica da Russia e da Alemanha se realisa, dando-lhes um logar importantissimo na economia mundial, — e isso só seria evitavel, por uma guerra, catástrofe maior do que a ultima — as nações que as não acompanharem no seu progresso ficariam numa situação muito inferior. Para a Inglaterra então, o dilema é, ou trabalhar de maneira a não se deixar vencer, guardando pelo menos um logar egual, ou ver continuar e consumar-se a ruina da sua industria.

Telefone C. 3033 — **SOUZA, MOURA & C.ª, L.DA** — End. Tel. «SOURA»

CASA BANCÁRIA

103, RUA AUREA, 105

LISBOA

COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CRÉDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS E ESTRANGEIRO. DEPOSITOS Á ORDEM E A PRASO. TODAS AS TRANSAÇÇÕES BANCARIAS

PRATAS PORTUGUESAS

Em todos os geueros e de todas as epocas, de desenho e execução dos nossos melhores artistas. O maior sortido da actualidade com preços estabelecidos no firme proposito de provocar confrontos. Rua do Amparo, 106, 106-A e 108. N. B. Casa com esta taboleta:

OURIVESARIA
NASCIMENTO & PINTO
Telefone N. 5119

A CAMINHO DA PAZ?

UM PACTO ELEITORAL entre De Valera e Collins

O poder executivo e a sua futura composição vai organizar-se um ministerio de coligação

LONDRES, 22

No sabado, os srs. de Valera e Collins assinaram um pacto que foi em seguida aprovado pela «Dail Eiream», pelo qual se fará a eleição de um terço de deputados e se formará um ministerio de coligação. Depois desta eleição o poder executivo ficará composto de um presidente eleito como até aqui, de um ministro de defeza representando o exercito e de mais nove ministros, cinco dos quais da minoria. No caso do governo de coligação julgar necessario dissolver-se, far-se-hão eleições geraes o mais cedo possivel.—(R.)

Lloyd George e os resultados da Conferencia de Genova

LONDRES, 28

Lloyd George foi muito aclamado pela multidão quando no sabado á noite regressou de Genova. Na estação de Vitoria, o duque de Atholl entregou ao primeiro ministro uma carta do rei Jorge, na qual lhe dava as boas vindas e exprimia a esperança de que a sua saude não tivesse sofrido com os seus fatigantes e prolongados esforços pela causa da paz. Na proxima quinta-feira Lloyd George exporá na Camara dos Comuns os resultados da Conferencia.—(R.)

Vai conceder á Alemanha um emprestimo?

SOUTHAMPTON, 22

Chegaram a bordo do «Olympic» os grandes banqueiros americanos Pierpoint Morgan e Otto Kahn. O sr. Morgan foi ha pouco tempo nomeado membro da comissão de reparações e vem á Europa participar as condições nas quais se poderá conceder á Alemanha um emprestimo internacional.—(R.)

A cura eficaz do tifo?

LONDRE2, 22

O dr. Nalter Davenwort, medico da comissão de socorros e fazendo serviço num departamento de medicina, comunicou que o dr. Kritch, director do laboratorio do hospital russo de Sckolnichersky, descobriu germens da doença do tifo, havendo grandes esperanças na descoberta dum soro que curará eficazmente essa doença.—(U. P.)

Uma encomenda de carvão

LONDRES, 22

Alguns jornais alemães publicam a noticia de que varias fabricas alemãs encomendaram um milhão de toneladas de carvão inglês.—(U. P.)

LANIFICIOS.

PEDIR SEMPRE AMOSTRAS AOS GRANDES ARMAZENS DA BEIRA 20-22-Rua dos Retroseiros, 24-26

PERES & ABRANTES, SUC.

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

O NOSSO DESLEIXO

O CASO DO Metropolitano

Continuação do artigo da quinta pagina

tro» escaqueirasse os canos de esgôto, e Lisboa ficasse sem a unica garantia em que ainda não fôra possivel bolir: a dos esgotos.

Assim o comunicaram ao sr. Angel Castelo; e... está-se nisto: ou o homem dá provas concretas de que não está solidarizado com o sr. Paiva e com o sr. Pona, ou escusa de pensar mais na geringonça em que se meteu.

De maneira que—agora é que vai a noticia—Lisboa não terá mais o tal caminho de ferro subterraneo, emquanto não se demonstrar que isso não briga com os interesses da... —de quem há de ser?—da burocracia camararia... para haver alguem que carregue com as culpas.

Se fosse caso de mudança de nomes, ai numa rua qualquer, o negocio arrumava-se de pronto... Se se tratasse de escaqueirar um largo ou um monumento, em homenagem á *estetica* futurista dos edis, era negocio arrumado. Assim, levou 9 meses a decidir, e... não obstante ter o requerente apelado para o patriotismo, para a honorabilidade e para a ilustração dos srs. vereadores, nunca mais a questão se arruma.

Metropolitano... comboio por debaixo do chão... Credo; até parece obra de bruxedo numa terra em que as bruxas deitam cartas e em que existe uma camara municipal que prima em fazer asneiras, desde que as faça á luz do dia.

Realmente, essa empresa do «Metro» não será um negocio escuro, por só poder beneficiar-nos debaixo do chão, lá onde o sol não pode penetrar por mais que os seus raios dardejem sobre o solo? Quem sabe... A's vezes, as coisas são tanto mais escuras quanto mais esclarecidas parecem...

O «RAID» LISBOA-RIO

SÓ AMANHÃ

se o tempo o permitir embarcará o "Fairey 17"

O relatorio dos aviadores

Está-se trabalhando activamente na Aviação Maritima, a fim de o hidro-avião ficar hoje pronto a embarcar. O embarque deve efectuar-se ámanhã, se o tempo o permitir.

Sobre este assunto estiveram hoje conferenciando com o sr. ministro da Marinha, o director da Aviação Maritima e o comandante de cruzador «Carvalho Araujo».

Os heroicos aviadores estão aproveitando a sua estadia no cruzador «Republica», para elaborarem o seu relatorio ácêrca das viagens aereas que teem realizado desde a sua saida de Lisboa.

O cruzador «Republica», que se encontra em Pernambuco a sofrer varias beneficiações nas caldeiras e maquinas, a meter carvão e frescos, logo que tenha tudo concluido, retira em seguida para Fernando Noronha, onde aguardará a chegada do «Carvalho Araujo, com o novo hidro-avião.

Teatro Chiado Terrasse

EMPRESA «A INTERNACIONAL»

GERENTE: A. EMAUZ

TERÇA-FEIRA, 23, definitiva e irrevogavelmente a 1.ª representação

da revista em 2 actos e 9 quadros

TIRO AO ALVO!

Para estreia da Nova Companhia de Revistas de que faz parte o actor Silvestre Alegrim

Ensenação de Rosa Mateus

2-GRANDIOSAS APOTEOSES-2

Scenarios surprendentes — Primoroso guarda roupa — Deslumbrantes efeitos de luz

LISBOA SOMBRIA, COR DE ROSA

A REGENERAÇÃO DE JOSÉ DOS REIS...

Quadro de tintas fortes a que assistiram os nossos redactores em Telheiras de Baixo

O afamado "Trailheira" casou ontem, faz hoje anos, reuniu duzentos vultos amigos, e a festa segue...

Quem pudera escrever agora uma cronica! Talvez se possa ao menos esboçar um artigo...

***

José Antonio dos Reis, não sabemos quantas prisões, Mouraria e travessa da Palha, olhos de fadista, daquele que deu o *Fado* do Malhoa, alma de mulheres perdidas, filho de um homem do melhor nome e de melhor fortuna, morto há um ano; José dos Reis, três mil contos em demanda, 34 anos, figura que seria nobre se fôsse nobre, um coração bom—dizem os da roda—casou.

Casou ontem no civil. A noiva é uma senhora de boa gente: Gertrudes Crespo, 35 anos, meia beleza por gastar, modesta de falas, saia escura, como a vimos, cordão de oiro forte, blusa azul de pintas brancas, certa doçura de olhar, filha do dono de uma locanda, e respectiva quinta, numa azinhaga, em Telheiras de Baixo.

José dos Reis foi o «Trailheira», o famoso dêste nome, que goza fama de homem que nunca fez mal e nunca roubou, inda que da policia conste o contrario.

— Mentira... O que eu fui sempre foi um desgraçado!

Casou, e houve festa ontem. Cento e cincoenta convidados. Casas cheias, quintal cheio, vinho em bom termo de seriedade, guitarras a chorar, gente séria de mistura com gente que pode não o ter sido. Ausencia de ladrões e de faquistas reles. Nobreza do decimo quinto estado. Olhos envidraçados de lagrimas, alguns anos de tragedias, e promessas, sob a evocação dos mortos queridos, de regeneração. Regeneração «daquilo da baixa e das cadeias».

***

Mas o «Trailheira» fez hoje 34 anos, e a festa pegou com o casamento.

Dispensamos o leitor de dizer como lá chegámos e como entrámos. Tinhamos que lhe dizer. Como entrámos, como nos sentámos na mesa dos noivos, como acamaradamos, como nos foi servido arroz doce, fatias de parida, vinho da Madeira, e como se cantou o fado em honra dos noivos e em nossa honra.

O quadro não é elegante. O realismo é como certos remedios ou certos prazeres. Não são para todos os estomagos. O leitor romantico não leia. Ou... leia, pode ler. Não faz mal...

***

A sala tem a forma de um quadrilatero. A um topo a mesa dos noivos. José dos Reis, olhos comovidos, cabelo sem melenas, bigode de ha trinta anos pela Mouraria; sua mulher ao lado. Dois filhos, uma menina de 16 anos e um rapazola na mesma mesa. O sogro, José Crespo, está na cozinha. Nas outras mesas cincoenta pessoas. «Tudo familia». O menos possivel aspecto de má nota. Pessoas que se vê serem de bom porte. Crianças loiras que brincam—as crianças mesmo pobres são loiras—senhoras de idade, raparigas casadoiras. Um rosto bonito, em blusa côr de rosa. Saia branca de bordados ricos. Fadistas... Não fadistas da viela. Nas paredes palmas verdes, uma grande santa em oleografia italiana, balões venezianos. Pelas mesas frutos de côr, doces e copos cheios, guitarras a descansar; pelo chão garrafões. Pelo ar fumo de tabaco, ternura e restos do fado.

Debaixo da mesa, um gato e pintainhos que vem do quintal. Os petizes comem laranjas, lambusados deliciosamente, como faunos precoces, de um paganismo bom. Agora se canta o fado. José dos Reis, está feliz. Dá sinal ao concerto com uma faca de aço num pé de cabra monumental. Tim!!!

***

O cantador é o Pedro «Pecegueira». Cabeça já branca, camisola de côres em crepe de «Santé», a cantiga nostalgica, profunda. Tons doloridos. De noite cantaram os barras da guitarra, e chorou-se a ouvir cantar do fado triste, das «desgracias». O José da Oliva, serve amigavelmente. O viola é o José Marques, moreno, sem gravata, fadista e sentimental.

***

A guitarra tem uma rosa no leque das cravelhas, e o cantador com cravo na lapela, e uma grande expressão nos olhos. Canta á «regeneração dos homens», e maldiz a gente má que diz mal dos parias. Bebe-se vinho doce, e há um silencio fundo.

Agora canta o Raul Ceia. Ah! leitor! Que cabeça! Cabelo atirado para traz, rosto palido de 25 anos, gravata não tem, tem botas amarelas, e arrasta os alexandrinos numa melancolia de pecado confesso e lasso. A viola dá requebros de landum chorado. Entram pela porta pratos com fruta, vozes de gente que chegou, e na nossa imaginação faz-se a visão doentia do triptico da India, a caravela, o cais e o alcouce dos Ferros, e o sentido presente, o mais presente possivel do fatalismo da raça.

Daqui a pouco ha-de haver baile... A noite passada cantou-se do melhor, fizeram-se promessas de nunca mais pôr o pé no Limoeiro, e diante de quatro crianças, ai de sete a doze anos, sobrinhas da noiva, um homem de risca na cara — facada velha — jura a regeneração.

— Pelo nome de Deus!

Deus... Quando numa cantiga se falou de rezar, entraram as mulheres a chorar. José dos Reis, ex-Trailheira, pediu Madeira e disse entre dentes: «eu fui sempre um perseguido. Aqui, ao canto da familia, só quero que me deixem ser bom cidadão o resto da vida...»

Parece inventado. O Ceia canta ainda. E' uma cousa impressionante, lirica a roçar pelo morbido sensual, sem sensualidade. A pequena de saia branca bordada puxa a saia para baixo, mais, muito mais, e, ela que é gracil, fita o cantador que seria reles, se isto de reles não fôsse convencional, e se soubesse bem o que é que dentro de todos nós é reles ou deixa de ser reles.

***

Um discurso... Recita versos o *Tristão alegre*, que é o ferroviario Candido Ferreira. Muitas palavras. Chega mais gente, mais fado, mais familia. Não se pronunciam nomes de guerra p'ra os jornalistas não ouvirem. A gente mesmo não quere os nomes. Foram tantos! E adivinha-se dentro daquilo tudo, no scenario, nos figurantes, nos aromas, nas harmonias e nas desharmonias uma grande vontade de ser bom dentro da vida, de agir, de reagir, de lutar com o Fado.

***

Mas agora outra vez o Pedro Pecegueiro, na sua voz de altos e baixos, onde parece que vai o ar que corta a Mouraria desde Santo André, que chega ao Marquez de Alegrete, toma a travessa da Palha, desce á Casa dos Bicos, entra na Alfama e se afunda no Tejo pelo beco das Galés, que é por onde iam e vinham os marujos, antigamente, quando foi da Africa, quando foi de todas as Africas.

***

Como estamos a dizer, José dos Reis, o que foi o «Trailheira», fez hoje anos. Ámanhã faz sua mulher. Dia 23. Esta noite haverá baile e cantigas. Vem muita gente.

—E' a minha despedida. Morri p'ro mundo e p'ra policia. Vou parecer homem bom como os outros, porque eu, digo-lho aqui como amigo, nunca fui mau p'ra ninguem. Só p'ra mim.

Seus dois filhos ao lado, sua mulher, seus cunhados, seu sogro, três intimos, e José dos Reis quasi chorava.

Nas outras mesas ia e vinha o fado e o José da Oliva, fazendo as honras da casa, numa gentileza de sociedade que se preza, servidos todos os copos e todos os corações —sorria...

NOS DEPUTADOS

O CASO DO jornal 'A Capital'

Continua em discussão o orçamento da guerra

A chamada faz-se ás 14,55, sob a presidencia do sr. Domingos Pereira.

Respondem 55 deputados.

O sr. Jorge Capinha pede a palavra para um negocio urgente. Por sua parte, quere repudiar a afirmação feita por um jornal que ha dias disse haver parlamentares enfeudados a companhias e que nas camaras defendem os interesses delas em detrimento dos interesses do Estado.

O sr. Jorge Capinha envia para a mesa a seguinte proposta:

«Proponho que no prazo de 48 horas cada um dos parlamentares desta camara se pronuncie, perante a mesa e por escrito, declarando se, em face do artigo publicado na *Capital* de 16 do corrente sobre o Parlamento, tem dependencias financeiras ou se encontra ligado a companhias, preferindo os interesses destas aos do Estado e que se habilite o ex.mo presidente desta camara a chamar á responsabilidade o referido jornal, intimando-o a provar as suas afirmações.»

Esta proposta não foi admitida.

O sr. dr. Domingos Pereira declarou que o assunto estava sob a alçada do ministerio publico que procederá conforme a lei, exigindo responsabilidades ao jornal incriminado.

O sr. Cancela de Abreu pede a palavra para atacar a proposta que aumenta os emolumentos dos funcionarios do registo civil. Acha-a descabida e abusiva. Aproveita o ensejo para criticar a Lei da Separação. Acaba o sr. Cancela de Abreu por enviar para a mesa uma proposta, segundo a qual deveriam ser restituidos aos parocos todos os livros do registo paroquial efectuado até 18 de fevereiro de 1911, que lhes tenham sido apreendidos. Pela mesma proposta seriam extintas duas das actuais conservatorias do registo civil logo que vagasse o logar dos respectivos conservadores.

O sr. Julio Gonçalves defende calorosamente a sua proposta com assentimento do sr. ministro da justiça que afirma que o trabalho em discussão é digno do interesse de toda a Camara.

Ordem do dia. Orçamento do ministerio da Guerra. Vai falar o sr. Pereira Bastos. O sr. ministro da Guerra instala-se num *fauteuil* proximo do que ocupa o orador e dispõe-se a ouvir atentamente as suas palavras que, apezar do silencio da camara, apenas de quando em quando conseguem chegar á tribuna da imprensa. Pela atenção que lhe está prestando o sr. Correia Barreto depreende-se que as suas considerações são judiciosas.

A' hora de encerrarmos este extracto está usando da palavra o sr. Lelo Portela que pretende justamente que, dentro do orçamento do ministerio da Guerra se atenda ás necessidades da aviação militar.

O sr. Cardeal Patriarca

O clero de Lisboa e o aniversario do ilustre purpurado

Na igreja paroquial da Conceição reuniram-se hoje todos os parocos da capital para se manifestarem sobre as homenagens a prestar, proximamente, ao sr. Cardeal Patriarca. Depois de terem falado os srs. dr. Santos Farinha, dr. Domingos Nogueira e dr. Pontes, foi aprovada uma proposta, segundo a qual se organizará uma comissão destinada a angariar donativos para a aquisição de um edificio que sirva de residencia ao homenageado.